



AS
ESPORTISTAS

55 mulheres
que jogaram para vencer

ESCRITO E ILUSTRADO POR
RACHEL IGNOTOFSKY



COM
ATLETAS
BRASILEIRAS

Blucher

CONTEÚDO

INTRODUÇÃO	6
LINHA DO TEMPO	8
MADGE SYERS (1881-1917)	11
TINY BROADWICK (1893-1978)	13
BOBBIE ROSENFELD (1904-1969)	15
GERTRUDE EDERLE (1905-2003)	17
AILEEN RIGGIN (1906-2002)	19
BABE DIDRIKSON ZAHARIAS (1911-1956)	21
KEIKO FUKUDA (1913-2013)	23
MARION LADEWIG (1914-2010)	25
TONI STONE (1921-1996)	27
ALTHEA GIBSON (1927-2003)	29
ANN CALVELLO (1929-2006)	31
BERYL BURTON (1937-1996)	33
SUE SALLY HALE (1937-2003)	35
JUNKO TABEI (1939-2016)	37
WILMA RUDOLPH (1940-1994)	39
ANATOMIA MUSCULAR	40
JODY CONRADT (1941-)	43
BILLIE JEAN KING (1943-)	45
PATTI MCGEE (1945-)	47
ANITA DEFRANTZ (1952-)	49
FLO HYMAN (1954-1986)	51
SUSAN BUTCHER (1954-2006)	53
BEV FRANCIS (1955-)	55
NADIA COMĂNECI (1961-)	57
JACKIE JOYNER-KERSEE (1962-)	59
JULIE KRONE (1963-)	61
BONNIE BLAIR (1964-)	63
VIOLET PALMER (1964-)	65
ESTATÍSTICAS DE REMUNERAÇÃO E DE MÍDIA	66
ANJALI BHAGWAT (1969-)	69
CHANTAL PETITCLERC (1969-)	71



KIM SOO-NYUNG (1971-)	73
KRISTI YAMAGUCHI (1971-)	75
LAYNE BEACHLEY (1972-)	77
MIA HAMM (1972-)	79
LISA LESLIE (1972-)	81
MANON RHÉAUME (1972-)	83
DENG YAPING (1973-)	85
VALENTINA VEZZALI (1974-)	87
ELLEN MACARTHUR (1976-)	89
EQUIPES ESPORTIVAS INFLUENTES	90
MELISSA STOCKWELL (1980-)	93
SERENA WILLIAMS (1981-)	95
DANICA PATRICK (1982-)	97
NICOLA ADAMS (1982-)	99
MITHALI RAJ (1982-)	101
KELLY CLARK (1983-)	103
LINDSEY VONN (1984-)	105
RONDA ROUSEY (1987-)	107
ASHLEY FIOLEK (1990-)	109
MARIANA PAJÓN (1991-)	111
KATIE LEDECKY (1997-)	113
SIMONE BILES (1997-)	115
AÍDA DOS SANTOS (1937-)	117
HORTÊNCIA (1959-)	119
JACQUELINE "JACKIE" SILVA E SANDRA PIRES (1962-/1973-)	121
MARTA (1986-)	123
MAIS ATLETAS	124
CONCLUSÃO	127
AGRADECIMENTOS	128
SOBRE A AUTORA	129
FONTES	130
ÍNDICE REMISSIVO	134

INTRODUÇÃO

“O sexo frágil!” Não era a primeira vez que essas palavras falsas eram ditas e não seria a última. Foi isso que Bobby Riggs, um ex-campeão de tênis, disse sobre as mulheres em 1973. Mas a tenista Billie Jean King não se deixou intimidar. Com habilidade e perícia, força física e muita autoestima, Billie Jean mudaria o mundo com sua raquete de tênis.

Por toda a história, as mulheres foram vistas como fracas e foram excluídas de competições, academias, equipes e clubes esportivos. Sem ter onde provar que eram atléticas e fortes, era difícil para elas combater esse machismo. É claro que esse estereótipo permeou outros segmentos da sociedade. Não havia oportunidades educacionais, cívicas, empresariais e de liderança para mulheres, e elas lutaram para provar que eram tão inteligentes e trabalhadoras quanto os homens. Atletas como Billie Jean tiveram de combater o estereótipo mais básico de todos: o de que o corpo feminino é inerentemente menos forte e capaz que o dos homens. O progresso delas foi muito inspirador.

Na década de 1970, o movimento feminista estava em plena ascensão nos Estados Unidos, no Reino Unido e em outros países desenvolvidos. As mulheres exigiam remuneração e oportunidades iguais. Em 1972, os Estados Unidos aprovaram o Título IX, uma parte das Emendas de Educação que tornava ilegal a discriminação de gênero na concessão de bolsas escolares. Pela primeira vez, muitas escolas passaram a patrocinar programas esportivos femininos, e as faculdades, a conceder bolsas esportivas para mulheres. Finalmente as mulheres podiam se dedicar a suas paixões atléticas e mostrar ao mundo sua verdadeira força.

A reação violenta era inevitável. Muitos ainda acreditavam que as mulheres só deviam fazer atividades “femininas” tradicionais. O tenista Bobby Riggs queria vencer a melhor tenista, Billie Jean King, para provar que as mulheres não tinham lugar nos esportes. Em 1973, ele a desafiou para uma “batalha dos sexos” no tênis. A princípio, ela recusou. Mas quando Bobby derrotou Margaret Court, vencedora do Grand Slam, no “massacre do Dia das Mães”, Billie Jean percebeu que havia mais em jogo que uma simples partida de tênis.

O mundo todo assistia quando Billie Jean e Bobby entraram na quadra. Não bastava vencer; ela teria de acabar com ele. E foi o que ela fez: 3 sets a 0, parciais de 6-4, 6-3 e 6-3. Billie jogou a raquete para cima, celebrando a vitória, enquanto a multidão ia à loucura!

Mulheres de todo o mundo viram Billie Jean e se sentiram empoderadas. Muitas a agradeceram por inspirá-las a finalmente pedir um aumento ou uma promoção. Os homens





queriam que suas filhas fossem fortes e corajosas como Billie Jean. Ela usou seu *status* de estrela do esporte para liderar também fora da quadra, defendendo e criando iniciativas para proporcionar às mulheres e a outras minorias oportunidades iguais. Este é o poder cultural dos esportes: por meio da diversão e da competição, eles inspiram coragem. A luta por justiça social muitas vezes começa no campo ou na quadra. Com vitórias históricas e novos recordes, atletas como Billie Jean compartilharam suas histórias, romperam estereótipos e criaram a mudança.

Os esportes sempre foram uma parte da cultura humana, e os atletas se tornam heróis, ícones sociais e modelos positivos. Embora os esportes tenham a ver com habilidade e trabalho duro, preconceitos sociais impediam as mulheres de competir. Mulheres valentes quebraram essas barreiras – desafiaram as regras, foram engenhosas e assumiram riscos perigosos –, provando sua força, independência e capacidade de liderar e mudar o mundo.

Quando os jornais disseram que uma mulher “fraca” como Gertrude Ederle era incapaz de atravessar o Canal da Mancha, Gertrude decidiu se afogar ou triunfar. Ela triunfou – e estabeleceu um novo recorde mundial em 1926. Althea Gibson, tenista negra durante a segregação, tinha um talento tão inegável que a fez cruzar a linha da cor e se tornar a primeira afro-americana a exibir suas habilidades em Wimbledon. O mundo a julgaria por suas habilidades, não pela cor de sua pele, ajudando o movimento dos direitos civis e abrindo caminho para grandes atletas como Serena Williams. Disseram a Sue Sally Hale que mulheres eram proibidas de jogar polo, e ela se disfarçou de homem por 20 anos para jogar o esporte que amava. Por fim, Sue Sally usou seu segredo para forçar o polo a se tornar um esporte misto, o que lhe permitiu se tornar uma líder no campo.

Essas são apenas algumas atletas que provaram seu valor como indivíduos, mostrando ao mundo o que as mulheres podem fazer e criando mais oportunidades para as futuras gerações. Ainda há problemas nos esportes femininos, como falta de patrocínio, falta de cobertura da mídia e remuneração desigual. Mas, a cada geração, as mulheres ultrapassam as expectativas e realizam feitos de força que desafiam o *status quo*. Este livro está cheio de histórias de meninas que realizaram seus maiores sonhos – histórias de mulheres que ultrapassaram os próprios limites, fizeram o impossível e se tornaram lendas.



LINHA DO TEMPO

Por toda a história, as mulheres tiveram de lutar pelo direito de competir, provando-se por meio de feitos de força física e resistência e de vitórias inegavelmente impressionantes. Da proibição de assistir a eventos esportivos até serem as atletas mais valentes de todos os tempos, vamos celebrar as conquistas dessas mulheres nos esportes!



C. 776 A.C.

Primeiros Jogos Olímpicos antigos. As mulheres não podiam competir, e as mulheres casadas estavam proibidas de assistir aos jogos sob pena de morte. As mulheres solteiras podiam mostrar sua destreza atlética nos Jogos de Hera.



1866

O Vassar College criou um time de beisebol feminino.



1926

Gertrude Ederle é a primeira mulher a atravessar o Canal da Mancha.



1950

Althea Gibson é a primeira tenista negra a competir no U.S. Nationals, em um clube de campo só de brancos.



1972

As verbas federais para esportes estudantis eram dadas principalmente aos esportes masculinos, e as meninas tinham poucas opções. Em 1972, o Título IX das Emendas de Educação tornou ilegal a discriminação de gênero em qualquer atividade escolar, inclusive esportes.



1978

A Unesco declara que os esportes são um "direito fundamental de todos". Embora esse direito seja muitas vezes desconsiderado, pessoas em todo o mundo trabalham duro para que meninas e mulheres pratiquem atividades físicas, mesmo nos países mais opressores.



1896

As mulheres foram proibidas de competir nos primeiros Jogos Olímpicos modernos, mas há rumores de que uma mulher, Melpomene, correu a maratona de 42 km não oficialmente. A história dela inspirou muitas mulheres.



1900

Primeiros Jogos Olímpicos modernos em que mulheres puderam competir.



1964

Antes da Lei dos Direitos Civis, os afro-americanos não tinham proteção igual perante a lei. Em 1964, a segregação em escolas, locais de trabalho, instituições públicas e esportes se tornou inconstitucional. Embora os efeitos da segregação sejam sentidos ainda hoje, os negros têm mais oportunidades nos esportes e no trabalho.



1966

Bobbi Gibb torna-se a primeira mulher a correr a Maratona de Boston, porque se disfarçou. No ano seguinte, Kathrine Switzer também terminou a maratona, depois de um fiscal machista tentar tirá-la da corrida.



1991

A FIFA cria a primeira Copa do Mundo de futebol feminino.



1996

É fundada a Women's National Basketball Association (WNBA).



AGORA

Mulheres de todo o mundo quebram recordes e ganham competições! As atletas ainda lutam por igualdade de acesso, exposição e remuneração. A cada vitória, elas mostram ao mundo como as mulheres são fortes!



PRIMEIRA MULHER A COMPETIR EM
CAMPEONATOS MUNDIAIS DE PATINAÇÃO ARTÍSTICA.

MEDALHA DE OURO NAS OLIMPIADAS DE 1908.

INSPIROU A CRIAÇÃO DA CATEGORIA
FEMININA NA PATINAÇÃO ARTÍSTICA.

“A SRA. SYERS [...] CONTINUA EM UMA CLASSE PRÓPRIA. A MARAVILHA DE SUAS FIGURAS, COMBINADA COM DESLIZAR E MOVIMENTOS PERFEITOS, FOI A PRINCIPAL ATRAÇÃO DA PATINAÇÃO DURANTE A MANHÃ.”
- RELATO OFICIAL DO PRINCE'S SKATING CLUB NAS OLIMPIADAS DE 1902

MADGE SYERS

PATINADORA
ARTÍSTICA

Florence Madeline “Madge” Cave nasceu em 1881 e foi criada na Inglaterra. No inverno, homens e mulheres praticavam patinação, mas as mulheres não podiam participar de nenhuma das competições. Muitos temiam que atividades físicas competitivas fossem esforço demais para o “frágil” corpo feminino. Mas Madge era uma patinadora tão incrível que ganhou notoriedade e respeito dentro da comunidade da patinação.

Em 1899, Madge casou-se com o patinador Edgar Syers. Ele a ajudou a deixar para trás o rígido estilo inglês de patinação e lhe ensinou o estilo internacional, mais fluido. Ela era uma patinadora nata. Madge estava pronta para o World Championship de 1902, mas só os homens competiam naquela época. Desafiadora, ela se inscreveu mesmo assim. Os organizadores queriam impedi-la, mas logo viram que não havia uma regra explícita que excluísse as mulheres. Eles protestaram contra a inscrição dela, mas, sem nenhuma regra escrita e com a ótima reputação de Madge no gelo, os organizadores tiveram de deixá-la competir.

Madge tinha de provar que seu lugar era no rink, junto dos patinadores. Triunfante, ela terminou na segunda posição, o que lhe garantiu um lugar na comunidade da patinação competitiva. Reconhecendo seu desempenho incrível, a International Skating Union (ISU) criou um World Championship feminino. Madge competiu no primeiro Championships for Ladies Figure Skating da ISU em 1906. Ela ficou em primeiro lugar e ganhou de novo no ano seguinte. Ela estava pronta para o próximo palco internacional: as Olimpíadas!

O Comitê Olímpico Internacional (COI) permitiu que as mulheres competissem em 1900, mas muitos eventos ainda eram só para homens. Os Jogos Olímpicos de 1908 incluíram a patinação artística pela primeira vez, e mulheres podiam competir. Madge levou o ouro para casa por seu desempenho solo e ganhou uma medalha de bronze com Edgar na competição de duplas.

Tragicamente, a vida de Madge foi curta: ela teve uma inflamação cardíaca aguda e morreu em 1917, aos 35 anos. Sua coragem ao desafiar as normas e sua excelência na patinação criaram um espaço para as mulheres do futuro mostrarem seus talentos ao mundo.



EM SEU PRIMEIRO CAMPEONATO MUNDIAL, VESTIA UMA SAIA LONGA.



CRÍTICOS MACHISTAS DO CAMPEONATO MUNDIAL FEMININO TEMIAM QUE OS JUÍZES SE APAIXONASSEM PELAS PATINADORAS.



VENCEU OS CAMPEONATOS NACIONAIS INGLESES DE 1903 E 1904.



DEU INÍCIO À MODA DE COMPETIR COM SAIAS ATÉ A PANTURRILHA PARA QUE OS JUÍZES PUDESSEM VER A MOVIMENTAÇÃO DE SEUS PÉS.



ESCREVEU THE ART OF SKATING: INTERNATIONAL STYLE COM EDGAR.



PRIMEIRA MULHER A CONQUISTAR DUAS MEDALHAS EM PATINAÇÃO ARTÍSTICA NOS MESMOS JOGOS OLÍMPICOS.



PRATICOU PARAQUEDISMO MAIS DE MIL VEZES.

PRIMEIRA PESSOA A FAZER UMA QUEDA LIVRE EM PARAQUEDISMO.

PRIMEIRA MULHER A SALTAR DE PARAQUEDAS DE UM AVIÃO.

"QUANDO VI AQUELE BALÃO SUBIR E, PASMA, O ASSISTI GANHAR O CÉU, SOUBE QUE JAMAIS SERIA A MESMA." - TINY BROADWICK

TINY BROADWICK

PARAQUEDISTA

Georgia Ann Thompson era chamada de “Tiny” (pequenina, em inglês) desde que se conhecia por gente. Ela tinha menos de 1,5 m e pesava menos de 40 kg, mas isso não a impediu de assumir grandes riscos. Durante sua carreira como paraquedista, ela quebrou ossos, ficou presa em árvores e até pousou em cima de um trem em movimento. Ela sempre voltava aos céus – em suas palavras, “não há diversão de verdade exceto bem alto no ar”.

Tiny nasceu em 1893 na Carolina do Norte. Aos 15 anos, ela já era viúva e sustentava sua filhinha trabalhando em uma fábrica local de algodão. A vida dela mudou para sempre quando um circo chegou à cidade. Ela ficou estupefata com o número do balão de ar quente, em que os artistas pulavam do balão com paraquedas. Tiny implorou ao líder do grupo, Charles Broadwick, para participar do número e, em 1908, saltou de paraquedas pela primeira vez. Tinha encontrado sua vocação. Charles adotou Tiny, e eles percorreram o país para que ela pulasse de balões diante de multidões empolgadas.

Os paraquedas tornaram as viagens aéreas mais seguras, mas os militares e o público não entendiam nem confiavam na nova invenção. Para ajudar a mudar esse fato, em 1913, Tiny foi a primeira mulher a saltar de paraquedas de um avião. Com a ajuda do piloto e especialista em aviação Glenn Martin, ela pulou de um avião a mais de 600 metros de altitude. Impressionados, os militares dos Estados Unidos contrataram Tiny para treinar os membros da aeronáutica no uso de paraquedas durante a

Primeira Guerra Mundial. Os saltos dela ajudaram a criar padrões para o uso de paraquedas na Força Aérea. Em 1914, Tiny completou a primeira queda livre da história quando um salto num teste militar deu errado e as linhas do paraquedas se emaranharam na cauda do avião. Ela teve de cortar as linhas para se soltar, mas conseguiu aterrissar em segurança!

Durante toda a sua carreira, Tiny continuou a desafiar a morte. Após mais de mil saltos, Tiny teve problemas nos tornozelos e se aposentou em 1922, com 29 anos. Georgia “Tiny” Broadwick morreu em 1978, uma figura lendária na aviação e uma pioneira de um dos esportes radicais mais empolgantes.

ABRIA E SOLTAVA VÁRIOS PARAQUEDAS DURANTE SEU NÚMERO NO CIRCO.



PRIMEIRA MULHER A SALTAR DE PARAQUEDAS E CAIR NA ÁGUA, POUSANDO NO LAGO MICHIGAN.



RECEBEU DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS O PIONEER AVIATION AWARD E A MEDALHA JOHN GLENN.



CHAMADA DE “PRIMEIRA-DAMA DO PARAQUEDISMO”.



MEMBRO DOS “PIONEIROS DA AVIAÇÃO” QUE VOARAM SOLO ANTES DE 17 DE DEZEMBRO DE 1916.



UM DE SEUS PARAQUEDAS ESTÁ NO NATIONAL AIR AND SPACE MUSEUM.



ESTA NO HALL DA FAMA DOS ATLETAS CANADENSES.




NOMEADA A ATLETA CANADENSE DA PRIMEIRA
METADE DO SÉCULO (1900-1950).

CHAMADA DE SUPERMULHER
DO HÓQUEI FEMININO.

“A GAROTA MODERNA É UMA TRABALHADORA MELHOR E UMA MULHER MAIS FELIZ GRACAS AO PRAZER SAUDÁVEL DE QUE DESFRUTA NO TÊNIS, NO LACROSSE, NA NATAÇÃO, NA CORRIDA, NOS SALTOS E EM OUTROS ESPORTES.” – BOBBIE ROSENFELD

BOBBIE ROSENFELD

PRATICANTE DE ATLETISMO, HÓQUEI NO GELO, TÊNIS E SOFTBOL



ESTABELECEU RECORDES NACIONAIS PARA SALTO EM DISTÂNCIA COM E SEM CORRIDA E LANÇAMENTO DE DISCO NOS TESTES DE QUALIFICAÇÃO PARA OS JOGOS OLÍMPICOS.



ERA DIFÍCIL ACHAR ROUPAS ESPORTIVAS FEMININAS, ENTÃO ELA AMARRAVA OS SHORTS COM UM CORDÃO E VESTIA AS CAMISAS DO PAI.

VOCÊ CONSEGUE, JEAN!



ENTROU NA CORRIDA DE 800 M NAS OLIMPIADAS DE 1928 SÓ PARA APOIAR A COLEGA JEAN THOMPSON.




Fanny “Bobbie” Rosenfeld nasceu na Rússia em 1904 e mudou-se com a família para o Canadá ainda bebê.

Adolescente, Bobbie jogou em um time de softbol e era famosa por sua velocidade. Em um campeonato de softbol, as colegas de time incentivaram Bobbie a competir em uma corrida de 91 m. Ainda com as roupas do softbol, ela correu e venceu, ganhando a primeira medalha nos esportes e superando o campeão nacional canadense. Assim teve início sua carreira no atletismo, e na década de 1920 ela era uma grande corredora do Canadá.

Foi em 1928 que as mulheres puderam competir no atletismo olímpico pela primeira vez, embora apenas de modo experimental. Na época, muitos médicos achavam que o corpo feminino não suportaria as competições olímpicas e tentaram cancelar os eventos. Nesses jogos, as mulheres não estavam só competindo por medalhas: elas queriam provar que o lugar delas era nas Olimpíadas, e cada bom desempenho ajudava. Bobbie ganhou ouro no revezamento 4 × 100 m e marcou um novo recorde mundial com sua equipe. Ela também ganhou prata nos 100 m. Mas as realizações de Bobbie e de outras atletas não convenceram a todos de que as mulheres podiam competir em todos os eventos do atletismo. Depois de uma mulher desmaiar no final da corrida de 800 m (na qual Bobbie chegou em quinto lugar), e embora as três primeiras colocadas tivessem quebrado o recorde mundial, o Comitê Olímpico baniu as mulheres da corrida de 800 m pelos 32 anos seguintes.

Bobbie continuou sua carreira esportiva multifacetada, mas em 1929 começou a ter crises dolorosas de artrite. Em dois anos voltou a jogar softbol e hóquei. Em 1931, ela foi a melhor pontuadora em seu time de softbol e a “melhor jogadora” em seu time de hóquei. Por volta de 1933, a artrite piorou e ela teve de se aposentar de todos os esportes.

Bobbie tornou-se uma ótima jornalista esportiva no jornal *Globe & Mail*, de Toronto. Durante duas décadas ela escreveu a coluna “Sports Reel”, em que defendia ardentemente o esporte feminino. Morreu em 1969, uma lenda dentro e fora das pistas e quadras.



VENCEU O CAMPEONATO DE TÊNIS FEMININO EM QUADRA DE GRAMA DE TORONTO EM 1924.



CHAMADA DE “BOBBIE” POR CAUSA DE SEU CORTE DE CABELO.



JOGOU DUAS VEZES AS FINAIS DO BASQUETE CANADENSE PELA ASSOCIAÇÃO HEBRAICA FEMININA DE TORONTO.



O PRÊMIO BOBBIE ROSENFELD É DADO À MELHOR ATLETA CANADENSE DO ANO.





MEDALHA DE OURO NAS OLIMPIADAS DE 1924.

CELEBRADA NO HALL DA FAMA DA NATACÃO INTERNACIONAL.

PRIMEIRA MULHER A ATRAVESSAR O CANAL DA MANCHA.

"QUANDO ALGUÉM ME DIZ QUE NÃO POSSO FAZER ALGO, É AÍ QUE EU FAÇO." – GERTRUDE EDERLE

GERTRUDE EDERLE

NADADORA DE LONGA DISTÂNCIA



EM UMA
COMPETIÇÃO DE
500 M EM 1922,
ESTABELECEU
SETE RECORDES
MUNDIAIS.



COBRIU-SE
DE AZEITE DE
OLIVA, LANOLINA
E BANHA DE
PORCO PARA
FICAR AQUECIDA
ENQUANTO
NADAVA NO CANAL
DA MANCHA.



FICOU
PARCIALMENTE
SURDA EM VIRTUDE
DO TEMPO QUE
PASSOU NO CANAL
DA MANCHA.

Gertrude Caroline Ederle conquistou o coração dos norte-americanos nadando. Nascida em 1905, em Nova York, Gertrude começou a nadar muito nova e se tornou uma das melhores nadadoras de todos os tempos. Nas Olimpíadas de 1924, Gertrude ganhou o ouro no revezamento 4 x 100 m e duas medalhas de bronze nos 100 m e nos 400 m em estilo livre. Gertrude gostava de competir, mas seu maior interesse era a natação de longas distâncias. Ela nadou das docas do parque Battery, na baixa Manhattan, até Sandy Hook, Nova Jersey: 28,1 km em 7 horas e 11 minutos, um novo recorde mundial!

Mas Gertrude queria fazer o impossível: ser a primeira mulher a atravessar o Canal da Mancha. Os jornais acompanhavam o treinamento dela e ridicularizavam a ideia. O *London Daily News* escreveu: "As mulheres devem admitir que, em uma competição de habilidade física, velocidade e resistência, elas sempre serão o sexo frágil". Só cinco homens na história tinham atravessado a nado o canal de 36,2 km. Gertrude queria superar o tempo mais rápido, marcado por Enrique Tirabocchi: 16 horas e 33 minutos.

A primeira tentativa dela, em 1925, foi um desastre. Após quase nove horas nadando, ela ficou enjoada e foi resgatada por um barco. Mas ela ainda queria provar a si mesma e ao mundo que era capaz. Após um ano de treinamento intenso, Gertrude voltou.

Naquele dia, a água estava tão agitada e perigosa que até os barcos tinham dificuldades no canal. Ela foi arrastada para fora da rota muitas vezes pelas águas turbulentas e não pôde aproveitar as correntes. Gertrude decidiu que se afogaria ou triunfaria, mas nunca desistiria. Ela perseverou e atravessou o canal em 14 horas e 31 minutos, um novo recorde mundial, batendo o antigo por duas horas! O recorde dela perdurou por 24 anos.

Gertrude tornou-se uma sensação instantânea e, ao voltar, foi recebida com uma das maiores marchas que Nova York já vira. Ela provou que uma mulher podia vencer sob as condições mais adversas e, por causa dessa vitória, a natação tornou-se um dos esportes femininos mais populares nas décadas de 1920 e 1930. Ela viveu até os 98 anos e faleceu em 2003.



APELIDADA DE
"RAINHA DAS
ONDAS" E
"MELHOR GAROTA
DOS ESTADOS
UNIDOS".



PARTICIPOU
DE FILMES
E DE
PROGRAMAS
DE
VARIEDADES.



ESTABELECEU
29 RECORDES
MUNDIAIS E
NACIONAIS.



APÓS SE
APOSENTAR,
ENSINOU NATAÇÃO
A CRIANÇAS
SURDAS.



TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS: *WOMEN IN SPORTS: 50 FEARLESS ATHLETES WHO PLAYED TO WIN*

COPYRIGHT © 2017 BY RACHEL IGNOTOFSKY
COPYRIGHT © 2019 BY EDITORA EDGARD BLÜCHER LTDA.

THIS TRANSLATION PUBLISHED BY ARRANGEMENT WITH TEN SPEED PRESS, AN IMPRINT OF THE CROWN PUBLISHING GROUP, A DIVISION OF PENGUIN RANDOM HOUSE LLC.

DEDICADO AO THOMAS.

ALGUMAS DAS ILUSTRAÇÕES DESTA OBRA APARECERAM SOB FORMA LEVEMENTE DIFERENTE EM VÁRIAS PLATAFORMAS ONLINE.
DESIGN ORIGINAL DE TATIANA PAVLOVA E ANGELINA CHENEY.

E OLHA SÓ QUANTAS MULHERES PARTICIPARAM DO PROCESSO DE PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DESTA OBRA AQUI NO BRASIL!

TRADUÇÃO
SONIA AUGUSTO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
BONIE SANTOS

PRODUÇÃO EDITORIAL
ISABEL SILVA, LUANA NEGRAES, MARIANA CORREIA SANTOS, MARILIA KOEPL

PREPARAÇÃO DE TEXTO
ANA MARIA FIORINI

DIAGRAMAÇÃO
ADRIANA AGUIAR SANTORO

REVISÃO DE TEXTO
BÁRBARA WAIDA

PERFIS DAS ESPORTISTAS BRASILEIRAS
CLÁUDIA FUSCO

DIVULGAÇÃO
CLÁUDIA FUSCO E PAULA LEMOS

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora
Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ignotofsky, Rachel
As esportistas : 55 mulheres que jogaram para vencer /
texto e ilustrações de Rachel Ignotofsky; tradução de
Sonia Augusto. – São Paulo : Blucher, 2019.
136 p.: il., color.

ISBN 978-85-212-1357-4 (impresso)
ISBN 978-85-212-1358-1 (e-book)


Título original: *Women in Sports: 50 fearless athletes
who played to win*

1. Mulheres atletas 2. Mulheres atletas – História
3. Mulheres atletas – Biografias 4. Atletas olímpicos –
Mulheres I. Título. II. Augusto, Sonia.

18-1550

CDD 796.09252

Índice para catálogo sistemático:
1. Mulheres atletas - História



“Este é um livro para garotas que buscam inspiração no campo, na piscina ou nas pistas. Também é para garotas que não praticam esporte, mas amam histórias de coragem, perseverança, ousadia, obstinação e diversão. E sem esquecer os garotos, que ficarão fascinados por essas histórias empolgantes.”

—CAROLINE PAUL, autora de *The Gutsy Girl*

...

“Há um padrão familiar nessas histórias: uma mulher coloca algo na cabeça, alguém diz que isso não pode ser feito e ela vai em frente e faz o que quer mesmo assim, quebrando recordes pelo caminho.”

—LISA TAGGART, autora de *Women Who Win*

A vitória é delas!

...

Inspirador e ricamente ilustrado, *As esportistas* destaca as conquistas e histórias de 55 mulheres atletas notáveis desde o século XIX, que fizeram história e quebraram recordes em mais de 40 esportes. Entre elas, há figuras conhecidas, como a tenista Billie Jean King e a ginasta Simone Biles, além de campeãs menos comentadas, como Toni Stone, a primeira a jogar beisebol em uma liga profissional masculina, e a skatista pioneira Patti McGee. A edição brasileira traz também 5 das mais importantes atletas da história do nosso país, incluindo Marta e Hortência. Com infográficos, uma linha do tempo e estatísticas, *As esportistas* celebra o sucesso de mulheres fortes, corajosas e destemidas que abriram caminho para as atletas de hoje.

Blucher

www.blucher.com.br

ISBN 978-85-212-1357-4



9 788521 213574



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

As Esportistas

55 mulheres que jogaram para vencer

Rachel Ignotofsky

ISBN: 9788521213574

Páginas: 136

Formato: 19,5 x 23 cm

Ano de Publicação: 2019